Opinião Socialista

PSTU

Ano XIII - Edição 373 - Colaboração: R$ 2 - De 09 a 22/04/2009 - www.pstu.org.br

G-20

FARSA TENTA ESCONDER RUÍNA CAPITALISTA

G-20: MILHARES VÃO ÀS RUAS CONTRA O CAPITALISMO

Páginas 6 e 7

PACOTE DO GOVERNO NÃO VAI RESOLVER O PROBLEMA DA MORADIA

Página 9

SOBRE O NOVO PARTIDO ANTICAPITALISTA FRANCÊS

Página 11

CONCENTRAÇÃO - De acordo com um estudo do Conselho Regional de Economia de São Paulo, os meios de produção de riqueza do país estão concentrados nas mãos de 6% dos brasileiros.

PAGAMENTO - Segundo uma reportagem do jornal O Globo, a Camargo Corrêa - alvo de investigação da Polícia Federal - ajudou nas contas de campanha de pelo menos 38 deputados e cinco senadores.

QUATRO VEZES

Não poderia ser de outra forma. Segundo a Federação do Comércio do Estado de São Paulo, os gastos com o pagamento de spread bancário no Brasil equivalem a quatro vezes o orçamento do Ministério da Educação, ou duas vezes e meia o orçamento do Ministério da Saúde. O chamado spread é a diferença entre a taxa de juros paga pelos bancos na captura de recursos e aquela aplicada quando este dinheiro é repassado a consumidores e empresas na forma de empréstimo. Em 2008, o país gastou R$ 134,5 bilhões com o pagamento.

CHARGE / AMÂNCIO

PÉROLA

"Fico satisfeito se registrarmos crescimento positivo em 2009, seja de 1%"

GUIDO MANTEGA, ministro da Fazenda, que até há bem pouco tempo dizia que a economia brasileira iria crescer (mesmo com a crise) 4%, depois baixou pra 3%, 2%... (*O Estado de S. Paulo, 5/04*)

EMPREITEIRAS

Uma auditoria realizada pelo TCU mostrou indícios de superfaturamento na construção do Rodoanel em São Paulo. A análise foi feita entre os períodos de janeiro de 2007 e julho de 2008. Estariam envolvidas em irregularidades, não só a empreiteira Camargo Corrêa - alvo da operação Castelo de Areia da Polícia Federal - mas outras grandes como Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão, Odebrecht, OAS e Mendes Júnior.

CONTRA-ATAQUE

Os bombeiros de Atenas, na Grécia, estão em greve. Eles reivindicam postos de trabalho permanentes. Durante uma marcha com 3.500 pessoas, tentaram chegar até a sede do Ministério da Economia. No entanto, a polícia atacou os manifestantes com gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Porém, o ataque logo perdeu o efeito. Os bombeiros utilizaram suas máscaras antigases de combate a incêndio para se proteger e contra-atacaram, surpreendendo os policiais.

PROTESTO NA ITÁLIA

Milhares de trabalhadores protestaram no último dia 5, domingo, em Roma. A mobilização foi convocada pela maior central sindical da Itália, o CGIL, contra as medidas anticrise adotadas pelo governo de direita de Silvio Berlusconi. Os trabalhadores reivindicam salários mais altos, mais cobertura social para os idosos e maior estabilidade para os empregados temporários. Cerca de 200 mil manifestantes estiveram a postos em uma manifestação que partiu de cinco pontos diferentes da cidade e culminou em uma grande praça no centro da capital italiana. Além de trabalhadores, a mobilização também reuniu imigrantes e estudantes.

ACONTECEU nos 15 anos

NOTÍCIAS QUE ENTRARAM PARA A HISTÓRIA DO PARTIDO

FATOS DE 9 A 22 DE ABRIL

1993
10 E 11 DE ABRIL

Mais de 730 militantes revolucionários reuniram-se no colégio Caetano de Campos, em São Paulo, e criam o Movimento Pró Partido Socialista dos Trabalhadores – Unificado. Acima, capa do jornal da Convergência Socialista, principal organização do movimento. O encontro aprovou ainda o chamado ao voto nulo no plebiscito sobre o parlamentarismo.

1997
17 DE ABRIL

Um ano após o massacre de 19 sem-terra em Eldorado dos Carajás (PA), uma grande marcha tomou conta de Brasília. Cerca de 60 mil pessoas fizeram "Brasília tremer", exigindo a punição dos culpados e a reforma agrária. Depois de caminharem até mil quilômetros em colunas, os manifestantes repudiaram a trégua oferecida por FHC. "Não tem trégua não. Reforma agrária só sai com ocupação", cantavam.

1998
ZÉ MARIA PRESIDENTE!

O PSTU lança a candidatura do metalúrgico José Maria de Almeida, então da executiva da CUT, para presidente da República. O Opinião 52 foi dedicado ao lançamento. O vice era José Galvão, sem-terra do Pará. O jornal denunciou o apoio de Orestes Quércia e Antonio Ermírio de Moraes à candidatura de Lula.

1999
MOVIMENTO FORA FHC E O FMI REALIZA ENCONTRO NACIONAL

No dia 17 de abril, cerca de 800 pessoas reuniram-se em São Paulo para discutir a campanha Fora FHC e o FMI. A reunião contou com o movimento Rompendo Amarras, de oposição à UNE, que havia aprovado o Fora FHC no dia 3 de abril. Após o encontro, eles caminharam até a praça da Sé, onde foi feito um ato em memória aos sem-terra de Eldorado dos Carajás.

2000
OUTROS 500

No dia 22 de abril, centenas de ônibus chegaram a Porto Seguro (BA) para um grande ato contra os 500 anos de massacres e exploração. Os protestos faziam parte da campanha "Brasil Outros 500", criada para se contrapor à festa promovida pelo governo e pela Rede Globo. A repressão ao ato foi brutal, bem ao gosto dos assassinos de negros e indígenas. Os ônibus eram bloqueados ainda na estrada e obrigados a voltar. Os 800 manifestantes que conseguiram chegar foram espancados e presos pela polícia de ACM e FHC. O Opinião trouxe um relato: "A população e até os turistas nos aplaudiam e saudavam, mas mal havíamos começado a passeata e fomos atacados pela polícia". Seguiu-se um show de selvageria, com bombas e tiros. Ao final, 141 foram presos, entre eles José Maria de Almeida.

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000 - Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues e Victor Pontes **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616 / 8442-6126
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748
Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195
Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250
(84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CENTRO Rua Vigário Bartolomeu, nº 281-B

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166
santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho
edcosta16@itelefonica.com.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro
(11) 6441-0253
guarulhos@pstu.org.br
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186*
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

QUEM MUDOU, LULA OU O FMI?

Lula com o diretor-gerente do FMI, Dominique Strauss-Kahn, na embaixada do Brasil em Londres

Lula afirmou na reunião do G-20 que o Brasil pode emprestar dinheiro para o FMI. Depois, chegou a falar para os jornalistas: "Você não acha muito chique o Brasil emprestar dinheiro para o FMI?"

Na entrevista a jornalistas, o presidente lembrou que, durante muitos anos, carregou faixas em protestos dizendo "Fora FMI", e que agora gostaria de "entrar para a história" como "o presidente que emprestou algum dinheiro para o FMI, além de pagar a conta dos outros". Mas quem realmente mudou: Lula ou o FMI?

O Fundo Monetário Internacional foi criado em 1944, como parte do acordo de Bretton Woods, que definiu as regras de funcionamento da economia mundial após a Segunda Guerra Mundial. Na prática, esse acordo legitimou e institucionalizou a hegemonia internacional dos Estados Unidos. O FMI teria formalmente um papel de ajudar a evitar crises financeiras ou resolvê-las. De conteúdo, no entanto, sempre foi um instrumento de dominação financeira dos países imperialistas.

O funcionamento do fundo é absolutamente ditatorial: os maiores países imperialistas (EUA, Alemanha, Japão, França e Inglaterra) são os que têm as maiores cotas. Por isso, são os que mandam no FMI. Os EUA são o único país com poder de veto sobre qualquer decisão do fundo.

Durante o período de globalização, o controle passou a ser ainda mais rigoroso, com o FMI monitorizando o dia-a-dia dos planos econômicos nos países semicoloniais. A farsa de que se tratavam de "conselhos técnicos" para evitar crises econômicas se revelou claramente.

Em primeiro lugar, o rigor fiscal imposto a países como o Brasil, do qual se exigia superávits fiscais (para cortar gastos sociais e poder pagar as dívidas aos bancos), nunca foi cobrado dos Estados Unidos, que são hoje o maior devedor do mundo, com um déficit fiscal de US$ 1,3 trilhão. Em segundo lugar, a "receita" neoliberal imposta em todo o mundo (privatizações, corte dos salários dos trabalhadores, abertura econômica etc) pavimentou o caminho para a crise atual.

Em vez de "evitar turbulências" (seu objetivo formal inicial), o FMI foi o grande instrumento que levou os países à grande crise que vemos agora. Esse é o motivo do enorme descrédito que envolve o fundo hoje.

A última reunião do G-20 teve entre suas resoluções fundamentais a tentativa de recuperar o FMI, que deve elevar seu capital de US$ 250 bilhões para US$ 750 bilhões. Para responder aos que querem transformar o encontro do G-20 em uma "reunião histórica" como foi a de Bretton Woods, basta essa comparação: a conferência de 1944 definiu as normas para a retomada da economia mundial e o FMI foi um de seus instrumentos. A reunião do G-20, no início de uma brutal crise que pode chegar ao nível de 1929, tenta desesperadamente tirar o FMI do fundo do poço.

O governo Lula foi endeusado na reunião do G-20, o que pode levar muitos trabalhadores à ilusão de que o país "agora é ouvido pelo mundo". Podem também se confundir com o elogio de Obama a Lula ("ele é o cara"). Basta lembrar, porém, que é exatamente a mesma postura do odioso George Bush, de quem Lula dizia ser "amigo". O presidente é querido pelos principais governos imperialistas por fazer um governo ainda popular e muito obediente a todas as normas do capital financeiro internacional.

Não é por acaso que Lula se dispõe a ajudar a recuperar o FMI, uma das poucas medidas concretas definidas nessa reunião. O G-20 encenou uma farsa para encobrir seu fracasso e impotência em evitar o aprofundamento da crise econômica. E o FMI, com a ajuda de Lula, pode voltar a ser, mais uma vez, o aplicador das novas receitas para o mesmo plano neoliberal em todo o mundo.

O dinheiro que o governo Lula enviará para o FMI poderia ser usado no Brasil para ajudar a resolver graves problemas sociais como a reforma agrária, o desemprego e a miséria. Mas, muito pior ainda é a ajuda política dada ao fundo e ao imperialismo.

Voltando à pergunta do início. A resposta é: mudaram os dois. Mudou o FMI que, em crise, precisa da ajuda de Lula. Mudou também o presidente, que antes gritava "Fora FMI" e agora é um de seus mais importantes apoiadores entre os países semicoloniais. O PSTU continuará dizendo Fora FMI!

O CASEBRE DO TRABALHADOR É O PALACETE DO BANQUEIRO

EXPECTATIVAS COM O NOVO PACOTE HABITACIONAL do governo federal devem ser frustradas. Plano garante lucros de construtoras, sem solucionar a histórica falta de moradias no país

***FÁBIO JOSÉ**, de Fortaleza (CE), e **JEFERSON CHOMA**, da redação*

O governo Lula fez conhecer, com festas e fogos, o plano habitacional intitulado "Minha casa, minha vida". No último dia 24 de março, o presidente e a ministra Dilma Rousseff anunciaram um investimento de R$ 34 bilhões para resolver parcialmente, segundo o governo, o problema do déficit habitacional. Lula fala em construir 1 milhão de casas e solucionar 14% da falta de moradias, que hoje seria de 7,9 milhões de unidades habitacionais.

Evidentemente, a divulgação do pacote adquiriu amplitude, começou a fazer parte das conversas das pessoas simples e produziu enormes expectativas, sobretudo na população mais pobre. Afinal, o plano governamental está direcionado aos que ganham até dez salários mínimos. O pacote prevê ainda que 400 mil habitações (40% do total) seriam destinadas aos que recebem até três salários mínimos, que pagariam uma prestação mensal de cerca de R$ 50.

Antes de festejar, é preciso uma análise mais aprofundada dessa política. É necessário ir além das aparências, na perspectiva de combater as falsas esperanças que dela decorrem.

SEM MORADIA

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o déficit habitacional atinge 7,9 milhões de domicílios. Mais de 90% das pessoas afetadas são famílias com renda de até três salários mínimos, ou seja, R$ 1.390. No entanto, de acordo com o projeto do governo, essa camada da população vai receber 40% dos recursos. A meta de redução do déficit habitacional, portanto, será muito mais baixa do que a anunciada por Lula.

Em nosso país, mais de 52 milhões de pessoas vivem em assentamentos precários; 34,6 milhões vivem sem esgoto ou fossa séptica e 15,6 milhões não têm água encanada. Mais de um terço das moradias no país são consideradas inadequadas.

O resultado se vê na formação dos espaços urbanos das nossas grandes cidades. A esmagadora maioria da população mais pobre vive em barracos e moradias precárias, em ocupações de distantes terrenos nas periferias, sem nenhuma infraestrutura.

SEM DATAS

O plano do governo também não estabelece metas para a construção das casas. Lula chegou a dizer que o projeto "não tem data" e disse para ninguém cobrá-lo por isso.

ROOSEWELT PINHEIRO/AG. BRASIL

Presidente Lula e a ministra Dilma no lançamento do plano "Minha casa, minha vida"

O que leva à desconfiança de que o governo está somente fazendo um anúncio genérico, sem estabelecer o mínimo compromisso com a sua efetivação. Além disso, a crise econômica está levando o governo a reduzir gastos e diminuir as verbas públicas. Devido à situação da economia mundial, muitas obras de infraestrutura não saíram do papel. É o caso da exploração do petróleo do pré-sal, por exemplo, cujos projetos estão praticamente paralisados devido à falta de recursos.

Podemos, portanto, estar diante de algo que servirá unicamente para reforçar o cacife da candidatura governista nas eleições de 2010.

Seria um equívoco concluir que o governo apresentou um projeto concreto para iniciar uma resposta ao drama do déficit habitacional brasileiro. Mesmo que o governo cumprisse a promessa lançada ao vento, estaria simplesmente executando um plano modesto e o país continuaria com milhões de famílias sem suas casas.

EMPREGOS PRECÁRIOS

Durante o lançamento do programa, ficou claro que não há lugar para os operários da construção civil. Embora fale em gerar 700 mil postos de trabalho, o governo silencia exatamente sobre algo muito importante: a precariedade das condições de trabalho que atinge mais da metade dos operários da construção civil.

É nessas obras que o trabalho terceirizado e precarizado adquire os tons mais dramáticos. É aí, por exemplo, que os patrões demitem os trabalhadores com menos de três meses de atividade para não pagar direitos trabalhistas. Nessas obras também estão as empresas mais picaretas, que contratam outras ainda mais picaretas, que rebaixam a situação do trabalhador quase à condição de indigente. E não há no plano do governo nenhuma medida que vise proteger os trabalhadores da precariedade.

PALACETE

A crise econômica limita os movimentos do governo na medida em que ele está preocupado em fortalecer o "bolsa banqueiro", sem esquecer as ajudas nada desprezíveis ao empresariado dos ramos mais diversos. Esse plano habitacional pode se tornar uma forma de seguir apoiando financeiramente os patrões da construção civil – apoiado em um grande apelo popular.

A prioridade real dos dirigentes políticos deste país não é com os mais pobres, mas com aqueles que tudo têm, mas não se envergonham de querer sempre muito mais.

Para ficarmos apenas em uma breve comparação, façamos um paralelo entre o que o governo alardeia para o seu plano – R$ 34 bilhões – e o superávit primário (aquilo que é economizado para ser distribuído aos banqueiros), que somente no ano passado foi de R$ 118 bilhões. Quer dizer, aquilo que o governo economizou para repassar aos banqueiros, num único ano, é quase quatro vezes superior ao que o governo promete investir em habitação. Agora mesmo, a Lei Orçamentária Anual (LOA) destinou R$ 234 bilhões para gastar com juros e amortizações da dívida pública, quase um quarto do orçamento.

Em grande parte, isso explica por que os trabalhadores continuam morando em casebres e os banqueiros em palacetes.

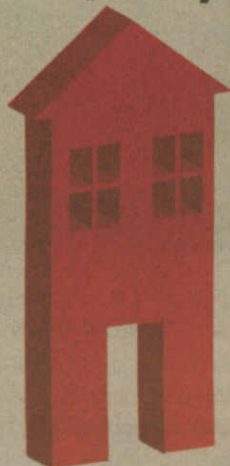
Acampamento do Pinheirinho em São José dos Campos (SP)

É quanto o governo irá enviar ao exterior em 2009, para pagar juros e amortizações da dívida externa, segundo a Auditoria Cidadã da Dívida

R$234bi

R$34bi

É o custo total do projeto

De onde virá o dinheiro

1 milhão de casas é a meta anunciada pelo governo, "sem prazo" para conclusão

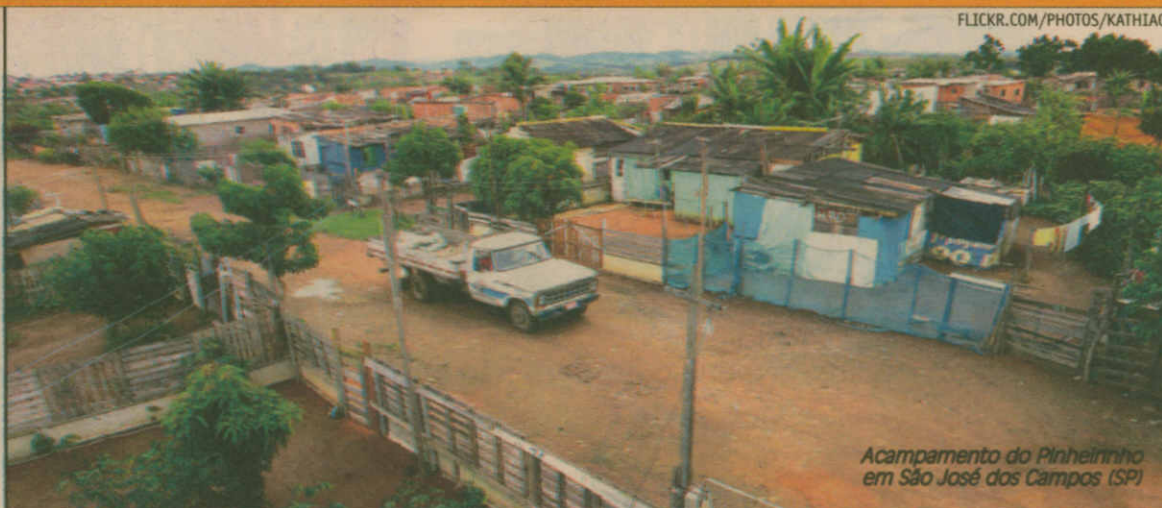
Divisão de imóveis por renda	Pra quem recebe (renda familiar)
400 mil	Até R$ 1.395 (3 salários mínimos)
200 mil	Até R$ 1.860 (de 3 a 4 salários)
100 mil	Até R$ 2.325 (de 4 a 5 salários)
300 mil	Até R$ 4.650 (de 5 a 10 salários)

É a quantidade que falta no país

34,6 mi de pessoas não têm rede de esgoto em suas casas

6 mi de imóveis estão vazios, segundo o IBGE

R$12 mil É o custo de uma casa popular, segundo UFRGS

FLICKR.COM/PHOTOS/KATHIAO

Acampamento do Pinheirinho em São José dos Campos (SP)

UM PLANO DE OBRAS PÚBLICAS?

Plano vai promover uma transferência ainda maior de dinheiro público para os bolsos de empresários da construção civil

DA REDAÇÃO

Muitos podem pensar que o novo projeto de habitação do governo pode dar início a um plano de obras públicas, mesmo que parcial. Afinal, um dos principais argumentos do governo é o de que o projeto irá movimentar a economia ao gerar entre 700 mil e 1,5 milhão de empregos e "2% a mais de crescimento" na economia do país, como disse o ministro da Fazenda, Guido Mantega.

No entanto, o plano do governo está longe disso. O financiamento do programa está ancorado no dinheiro público (União e BNDES) e nos recursos do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço). Mas a execução do plano não será realizada pelo Estado, e sim por empresas privadas da construção civil. São as construtoras que definirão como, quando e onde serão construídas as novas moradias.

Assim, não sobram muitas dúvidas de que as moradias mais populares serão feitas bem longe dos grandes centros urbanos, inchando ainda mais as periferias das grandes cidades.

Por outro lado, basta as construtoras fecharem acordos com as prefeituras e governos estaduais para terem em mãos os recursos bilionários e iniciarem as obras. Ou seja, o plano vai promover uma transferência ainda maior de dinheiro público aos bolsos de empresários da construção civil, duramente afetados pela crise econômica.

Alguém dúvida que os recursos serão uma imensa fonte de corrupção que abastecerá o caixa dois de campanhas eleitorais? As prisões de diretores da Camargo Corrêa (uma das maiores construtoras do país), realizadas recentemente pela Polícia Federal, mostram apenas uma pequena parte da promíscua relação entre empreiteiras e partidos políticos.

As construtoras (junto com os bancos) são as maiores financiadoras das campanhas eleitorais do PT e do PSDB. Para elas, financiar campanhas é um investimento, cobrado depois das eleições por meio de obras superfaturadas promovidas pelos governos.

POR UM VERDADEIRO PROGRAMA PARA A HABITAÇÃO

Sob o controle da iniciativa privada, o atual programa do governo não pode ser considerado um plano de obras públicas para a habitação e muito menos resolve o problema da carência de moradias no Brasil.

Para acabar com o déficit habitacional no país é preciso, em primeiro lugar, mudar a política econômica, parar de pagar as dívidas externa e interna e transferir esses recursos para obras de habitação, infraestrutura e reforma agrária, para dar trabalho a milhões. Esse projeto deve ser discutido com os movimentos sociais que lutam pela moradia, além de as casas serem construídas pelo Estado em forma de mutirões ou cooperativas, ao invés de serem propostas e executadas pelas empreiteiras.

Além disso, o fim do déficit habitacional não poderá ser alcançado somente com a construção de casas. É preciso uma política abrangente, uma reforma urbana, ocupando os imóveis vazios existentes nos centros urbanos das grandes cidades. No Brasil, segundo o próprio IBGE, há mais de seis milhões de moradias vazias. Elas são usadas atualmente para a especulação imobiliária e seus proprietários devem milhões em impostos.

Também é necessário que o Estado regularize a situação fundiária, reconhecendo e regularizando as ocupações urbanas, como a do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP), ou as diversas ocupações do MTST na Grande São Paulo. Um governo realmente dos trabalhadores teria no reconhecimento dessas áreas um dos pilares de qualquer plano de moradia, privilegiando aqueles que lutam há anos pelo sonho da casa própria. E impediria, imediatamente, a repressão contra os trabalhadores sem teto.

O governo precisa garantir a construção de casas e o valor pode ser muito abaixo do que se imagina. Segundo um estudo da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), é possível construir em um mutirão nacional seis milhões de novas moradias (casa de dois quartos) ao custo de R$ 12 mil cada, totalizando R$ 72 bilhões. Isso é bem menos do que Lula deu em ajudas aos banqueiros nesta crise.

É preciso um verdadeiro plano de obras públicas que ataque os principais problemas das grandes cidades, como as enchentes recorrentes, e que também urbanize as favelas e comunidades carentes. Este projeto é radicalmente oposto ainda ao que o governo carioca vem fazendo, cercando as favelas com um grande muro e implantando a operação "choque de ordem", por meio da qual derruba casas e barracos do povo negro e pobre. Em vez de expulsar, é preciso realizar grandes obras de saneamento, levando asfalto e luz e construindo escolas, centros profissionais e postos de saúde nestes locais.

A crise e o desemprego ameaçam muitos trabalhadores que vivem em habitações alugadas. Pesquisas já indicam que o medo de não conseguir pagar suas contas, entre elas o aluguel, é uma das principais preocupações dos brasileiros.

Por isso, como medida emergencial, o Estado deve garantir também um subsídio para o pagamento do aluguel a todos os trabalhadores desempregados.

POTÊNCIAS FRACASSAM EM DAR UMA RESPOSTA À CRISE CAPITALISTA

Apesar dos discursos, a reunião do G-20 não aprovou nenhuma medida concreta para pôr fim à crise

VALTER CAMPANATO/AG. BRASIL

Reunião do G-20

DIEGO CRUZ, da redação

Perguntado por jornalistas sobre o que seria preciso para a reunião do G-20 ser um sucesso, dias antes do encontro, o primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown, não teve dúvidas: "*vocês dizerem que foi um sucesso*". O britânico indicava, desta forma, o verdadeiro objetivo da reunião de cúpula realizada no dia 2 de abril: um golpe de marketing para dar ao mundo e ao mercado a falsa impressão de que os principais países do globo estão unidos na luta contra a crise mundial.

As preparações para a reunião foram acompanhadas por uma crescente expectativa, inflada pelos próprios governos e pela mídia. Contribuiu para isso o fato de essa ter sido a primeira reunião de cúpula com a presença de Barack Obama já eleito presidente dos EUA. As tensões entre os países, porém, pareciam se aprofundar, a tal ponto que o presidente da França, Nicolas Sarkozy, chegou a ameaçar abandonar a reunião antes mesmo de seu início.

Aparentemente, dois blocos se formaram. De um lado, os EUA e o seu fiel escudeiro, o governo do Reino Unido, pedindo mais ajuda financeira aos mercados. Do outro, a União Europeia, com França e Alemanha à frente dos pedidos por uma nova regulação e fiscalização do sistema financeiro internacional.

A declaração final do encontro tenta contemplar as duas posições. Anunciado como o primeiro passo de uma nova ordem mundial, o conjunto de medidas do G-20 prevê US$ 1,1 trilhão para reaquecer a economia, fortalecendo o FMI e o Banco Mundial como órgãos de ajuda aos países em dificuldade. A condenação do protecionismo e dos paraísos fiscais e a retomada da Rodada Doha (negociações para abertura comercial na OMC) foram alguns dos compromissos firmados. Foi também anunciada a criação de um "*Conselho de Estabilidade Financeira*", órgão que, ao lado dos outros organismos multilaterais, supervisionaria o mercado.

PALAVRAS VAZIAS

As palavras dos chefes de Estado ao final da cúpula, no entanto, parecem valer tanto quanto as ações da General Motors hoje. A carta de intenções do encontro não difere muito daquela divulgada na última reunião do G-20, realizada em novembro do ano passado, em Washington. Após esses meses, no entanto, a crise não só se aprofundou como o conjunto de países que integram o grupo adotou, segundo a OMC, nada menos que 47 medidas protecionistas.

Já o grupo de medidas divulgado em Londres não apresenta qualquer ação concreta para enfrentar a crise. Grande parte do trilhão que viria dos países para aplacar a crise faz parte de pacotes já anunciados. Não se tem detalhes de como funcionaria o tal novo órgão de fiscalização internacional, mas os EUA já disseram que não aceitariam tal instrumento. A condenação dos paraísos fiscais, por sua vez, veio apenas através de uma "lista negra" de países que funcionariam como fuga de dinheiro. "*A era do sigilo bancário acabou*", chegou a blefar Gordon Brown.

Tal lista, porém, exclui os maiores paraísos fiscais do mundo, como a Suíça. Algumas regiões dos Estados Unidos também servem como refúgio a capitais de origem obscura. Países como a China também se opõem à medida. De fato, seria impensável um capitalismo sem lugares adequados para se guardar todo o dinheiro de corrupção, narcotráfico, manobras financeiras ilegais e todo o tipo de prática que já é parte integrante e fundamental do sistema financeiro.

Mais um exemplo do vazio das palavras dos líderes do G-20 se deu no próprio dia da reunião. Ao final do dia 2, as bolsas de todo o mundo fechavam em alta. Esse ânimo repentino, porém, não foi despertado apenas pelo otimismo da declaração final do encontro. Foi causado por uma mudança no sistema de avaliação das ações dos bancos nos EUA. O governo norte-americano permitiu que os próprios bancos e empresas colocassem preço em seus ativos furados. Tal medida legitima na prática a maquiagem contábil, podendo valorizar em até 20% o valor dessas ações.

Enquanto em Londres se discutia uma maior regulação do sistema financeiro, nos EUA o próprio governo institucionalizava a fraude contábil nos grandes bancos.

UMA NOVA ORDEM MUNDIAL?

A reunião do G-20 mostrou, sobretudo, que o mundo não caminha para uma nova ordem mundial. Por enquanto, assiste à desagregação da velha ordem. Mas, se nenhuma mudança concreta ocorreu, teria pelo menos o G-8 morrido para dar lugar a um suposto mais democrático G-20? Nem isso. Por mais que Obama diga que Lula "é o cara", são as grandes potências capitalistas que continuam a ditar as regras do jogo, com os EUA à frente.

Os sorrisos e as poses para as fotos dos chefes de Estado não podem esconder, por outro lado, o aumento da tensão entre o imperialismo norte-americano e o europeu. A verdadeira discussão é quem vai pagar a conta da crise.

Os EUA já não suportam um déficit ainda maior e pressionam a Europa a seguir seu exemplo e despejar trilhões nos mercados financeiros. O atual presidente da União Europeia, o premiê da República Checa, já afirmou que esse caminho levará o mundo "ao inferno". A quebradeira dos países do Leste Europeu, porém, ameaça o sistema bancário europeu e pode levar ainda mais instabilidade ao sistema financeiro.

Nenhuma medida cogitada, no entanto, prevê qualquer mudança significativa. Mesmo que esses países resolvessem suas disputas e conseguissem pôr em prática o que foi prometido em Londres, não amenizaria a crise.

Não foi por menos que, ao lado da crítica à desregulamentação do sistema financeiro, o comunicado final do G-20 fez questão de renovar sua fé nos "princípios do livre mercado". A grande proposta é justamente reforçar os mesmos FMI e Banco Mundial, que tiveram grande parcela de responsabilidade na atual crise.

Enquanto isso, o protecionismo cresce. O comércio externo tem a primeira redução em trinta anos e todos os organismos internacionais já preveem um período de recessão mundial. A economia mundial está num impasse e a resolução dessa crise nos marcos do capitalismo virá através do aprofundamento do predomínio do capital financeiro parasitário. Isso significa o aumento da exploração dos trabalhadores e dos países semicoloniais. Tudo para viabilizar uma maior taxa de lucros que permita um novo período de crescimento.

LULA É MESMO "O CARA"?

Não é exagero dizer que Lula foi uma das grandes estrelas da reunião do G-20. E não só na imprensa brasileira. A foto oficial do evento, em que o presidente brasileiro aparece ao lado da rainha da Inglaterra, ilustra a importância dada ao presidente. Mas qual o papel desempenhado pelo brasileiro na reunião do G-20?

O foco maior sobre Lula tem o objetivo de criar uma ilusão de democratização das decisões da cúpula. Os países ricos são apontados como os causadores da crise, portanto, precisam de uma liderança carismática fora desse círculo.

A presença de um ex-operário entre os mais poderosos chefes de Estado dá um importante simbolismo à reunião. Mas o papel de Lula se resume a isso. Garantir a legitimidade das medidas do G-20, que mantém o papel subserviente dos países semicoloniais.

MILHARES VÃO ÀS RUAS CONTRA O G-20

MOVIMENTO ANTIGLOBALIZAÇÃO volta mais radicalizado e mira o capitalismo

Os dois primeiros dias de abril foram marcados por manifestações que balançaram Londres, na véspera e no dia da reunião do G-20. Ativistas antiglobalização, partidos, ONGs e sindicatos protagonizaram na capital inglesa uma retomada do movimento que contestou o neoliberalismo no final da década de 90.

Na semana anterior, milhares já haviam ido às ruas na cidade na manifestação batizada de "put people first" (primeiro as pessoas), que reuniu em torno de 40 mil pessoas. Nesse mesmo dia, também ocorreram manifestações na França, na Itália e na Alemanha.

QUEIMEM OS BANQUEIROS

Desta vez, as mobilizações atingiram os bancos no centro financeiro de Londres. Pichações com slogans anticapitalistas como "burn a banker", ou "queime um banqueiro", tomaram as paredes dos bancos, enquanto janelas e portas foram quebradas. Mais radicalizadas que os protestos da semana anterior, as manifestações sofreram dura repressão por parte da polícia britânica.

Relatos à imprensa dão conta da extrema violência utilizada pela polícia contra os manifestantes. Foram presos mais de 100 manifestantes. Um homem morreu em meio aos protestos. A causa não foi ainda esclarecida, mas a polícia alega ter sido um ataque cardíaco. O manifestante, identificado posteriormente como Ian Tomlinson, de 47 anos, foi encontrado atirado ao chão dentro de um cordão policial, próximo ao Banco da Inglaterra, centro dos protestos.

A polícia utilizou uma tática contra as manifestações batizada de "kettle". Através de cordões policiais, isolava milhares de manifestantes em pequenos espaços, por horas a fio. Ninguém entrava ou saía. Para liberar, fichava e fotografa os ativistas. Tal tática, que transformou o centro de Londres numa região sitiada no dia 1°, atentando contra a liberdade de ir e vir das pessoas, conseguiu diminuir as mobilizações no dia seguinte, mas não as impediu.

Os protestos em Londres retomavam ainda a Stop War Coalition, o movimento antiguerra contra as ocupações do Iraque e do Afeganistão.

Dias depois, foi a vez de a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) sentir a fúria dos manifestantes. A reunião de comemoração dos 60 anos da organização militar em Estrasburgo, na França, foi cercada por uma manifestação que reuniu 30 mil. Os atos eram contra a guerra e os EUA. Um hotel de luxo foi incendiado pelos ativistas. A polícia reprimiu violentamente o protesto. Na Alemanha, as manifestações contra a Otan reuniram quase 10 mil.

A radicalização das manifestações expressa não só a gravidade da crise, mas o momento político pelo qual passa a Europa, um continente em ebulição.

A França já passou por duas greves gerais, enquanto uma paralisação total acaba de balançar Grécia e Itália, países que também passam por uma série de mobilizações. Não só o neoliberalismo é contestado, mas o próprio capitalismo.

PÔR FIM À CRISE ACABANDO COM O CAPITALISMO

SOCIALISMO SURGE como única alternativa à crise do capitalismo

A crise econômica mundial revela não só a crise do neoliberalismo, mas o caráter do próprio capitalismo, sistema no qual as crises se sucedem e aprofundam cada vez mais suas contradições. Ou seja, esta não é apenas uma crise do sistema financeiro, como fazem parecer a mídia e os governos. Trata-se de uma crise estrutural desse sistema baseado na exploração.

A saída apontada pelos capitalistas para resolvê-la passa inevitavelmente pelo aumento da exploração, da fome e da miséria em todo o planeta. Como é uma crise de superprodução, só será superada no interior desse sistema se promover uma brutal queima de capitais. Isso significa fechamento de empresas, falências e desemprego em massa, para não falar em eventuais guerras. Só assim será possível retomar os investimentos e dar início a um novo ciclo, até que uma nova crise apareça. De qualquer forma, as vítimas serão sempre os trabalhadores.

Só nos EUA, são cinco milhões de novos desempregados desde o início da crise. O flagelo das demissões atinge de forma ainda mais dramática a Europa e até a China, apontada como o modelo alternativo de globalização. No Brasil, mais de 750 mil postos de trabalho desapareceram desde setembro do ano passado e é cada vez mais clara a percepção de que o país já está em uma recessão.

SOCIALISMO OU BARBÁRIE

Como previa Karl Marx, a tendência é de crises cada vez mais profundas, até que o conjunto da humanidade seja arrastado a uma catástrofe. Hoje, com o aquecimento global, o perigo cada vez maior da escassez da água doce e tantos outros problemas ambientais criados por um sistema que leva em conta apenas o lucro, a expressão "socialismo ou barbárie" nunca esteve tão atual.

Nenhuma classe desiste voluntariamente de seus privilégios. Mesmo diante da proximidade de um colapso humanitário ou ambiental, a burguesia não renunciaria a seus lucros. Fica cada vez mais claro que a única saída para a crise que leve em conta a grande maioria da população não passa pelos marcos desse sistema. A verdadeira utopia é o "capitalismo de rosto humano".

Hoje, o socialismo aparece como única alternativa viável para superar as crises do capitalismo. Ao invés da anarquia da produção em busca de lucros cada vez maiores para a burguesia, uma economia planificada, controlada pelos próprios trabalhadores a fim de atender às necessidades da população. No lugar da ditadura do capital, uma verdadeira democracia dos trabalhadores.

É HORA DE PREPARAR A GREVE DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

Governo ameaça acordos enquanto tenta aprovar leis que retiram direitos da categoria

DA REDAÇÃO

Nesse momento em que a categoria sofre duros ataques do governo Lula, a tarefa fundamental do funcionalismo para o próximo período é organizar os servidores, fortalecer a unidade e preparar, pela base, uma forte greve. A próxima reunião da Cnesf (a Coordenação Nacional das Entidades dos Servidores Federais), que ocorre nesta semana, deverá decidir pela realização de uma plenária nacional ainda em abril para definir os próximos rumos do movimento.

ACORDOS AMEAÇADOS

Os acordos firmados pelo governo com a categoria continuam ameaçados. Lula usa a desculpa na queda da arrecadação com a crise econômica para descumprir o que foi firmado ano passado com os servidores. Além disso, o governo reduziu ainda mais o corte orçamentário, o que vai, certamente, refletir na vida dos servidores.

"O governo já havia anunciado um corte de R$ 25 bilhões, agora ampliou esse corte para R$ 28 bilhões, isso vai atingir os servidores", afirma Paulo Barela, do GT Trabalhadores do Serviço Público da Conlutas. Como se isso não bastasse, tramitam projetos de lei como o que restringe os reajustes dos servidores de acordo com a variação do PIB, o que serve para perpetuar o arrocho num cenário de recessão.

Não é, porém, só a crise que determina a queda na receita que faz com que o governo ameace os acordos. Os inúmeros subsídios dados aos banqueiros e empresários agravam essa situação, transferindo recursos públicos para manter os lucros de poucos. *"Ao mesmo tempo em que abre mão de impostos e garante subsídios milionários às grandes empresas, o governo reclama da queda na receita, está claro sobre quem o governo quer jogar o peso dessa crise"*, diz Barela.

MARCELLO CASAL JR./ AG. BRASIL

PREPARAR A GREVE

A tarefa agora é preparar desde já a organização da categoria para a resistência a esses ataques, impulsionando as plenárias e assembléias nos setores. Alguns setores, como a Condsef (Confederação Nacional dos Servidores Federais), por exemplo, já definiu indicativo de paralisação para junho. *"Somente uma greve forte e unificada pode dar uma resposta à altura desses ataques"*, atesta Barela.

TRABALHADORES DE LUTA CONCORREM À CIPA NA EMBRAER

DA REDAÇÃO

Os trabalhadores da Embraer estão participando das eleições para a Cipa (comissão interna de prevenção a acidentes), que acontecem nos dias 6, 7 e 8 de abril. A Conlutas está concorrendo com trabalhadores que, junto com o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, vêm denunciando todas as arbitrariedades da empresa e lutaram pela readmissão dos 4.270 demitidos e pela reestatização. Uma liminar pedida pelo sindicato garantiu que esses companheiros disputem a Cipa. A campanha da Conlutas é realizada dentro da fábrica e é recebida com grande simpatia pelos trabalhadores.

TRABALHADORES DOS CORREIOS REJEITAM PROPOSTA DE PLR DA EMPRESA

FUNCIONÁRIOS DA EMPRESA FICAM INDIGNADOS com proposta injusta e desigual; direção do movimento, porém, impede a greve da categoria

DA CONLUTAS

No dia 31 de março, trabalhadores de todo o país realizaram assembleias para avaliar a segunda proposta de PLR (Participação nos Lucros e Resultados) apresentada pela ECT (Empresa de Correios e Telégrafos). A primeira proposta já havia sido rejeitada.

Dos 35 sindicatos filiados à Fentect, a federação nacional dos sindicatos da categoria, a ampla maioria rejeitou a proposta da empresa. Apenas dez sindicatos, nove ligados ao PT e um ao PCdoB, o de Santos (SP), votaram pela aprovação. A proposta garantia R$ 40 mil de PLR para a direção da empresa, sem metas ou critérios, e até R$ 800 para os trabalhadores de nível básico, que compreendem mais de 100 mil pessoas.

O calendário aprovado no VII Consin (conselho de sindicatos), realizado de 12 a 14 de fevereiro, por meio de proposta da oposição, apontava greve para 1° de abril caso houvesse acordo para o pagamento da PLR. Durante esse período, foram realizadas três reuniões entre a direção da empresa e a comissão permanente da Fentect. No Consin, foi aprovado por ampla maioria dos delegados que a proposta dos trabalhadores seria a de uma PLR linear e igual para todos.

INDIGNAÇÃO

A ECT tem hoje um efetivo de 116 mil trabalhadores. Destes, 108 mil estariam aptos para receber a PLR. A empresa teve um lucro de R$ 807 milhões em 2008 e repassou para o governo R$ 403 milhões. Destes, seriam repassados para os trabalhadores, segundo a direção da empresa, apenas R$ 96 milhões.

A categoria encontra-se indignada com a forma e os critérios adotados pela empresa para a distribuição dos valores. Mas, nas assembleias do dia 31, a indignação não se transformou em disposição de fazer uma greve contra o desrespeito da empresa.

Outro fator que deixou os trabalhadores com o pé atrás foi o papel da direção do movimento, que não foi aos setores de trabalho organizar a mobilização e defender as deliberações do Consin. Tentaram jogar nas costas dos trabalhadores a responsabilidade, deixando para eles a decisão.

A única forma de obter uma PLR justa é através da mobilização e da greve. Só assim podemos garantir não só uma distribuição mais justa dos lucros, mas também a defesa da própria empresa contra a privatização.

CRESCE A CAMPANHA PELA REESTATIZAÇÃO DA EMBRAER

Sindicatos e entidades do movimento estudantil entram no movimento

ANDRÉ FREIRE*, da direção nacional do PSTU*

A luta contra as 4.270 demissões da Embraer e pela reestatização da empresa cresce em todo o país. Várias entidades sindicais estão votando moções de apoio e entrando nessa importante campanha nacional.

Nos dias 2 e 3 de abril, em reunião de diretoria, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), que prepara um dia nacional de greve no próximo dia 24, votou sua incorporação à campanha pela reestatização da Embraer, autorizando a assinatura da entidade nos materiais públicos do movimento.

No dia 5 de abril, a moção pela reestatização da Embraer e readmissão dos demitidos foi aprovada no Congresso do Sinsprev-SP (sindicato que representa os trabalhadores da saúde e da Previdência), que contou com a presença de 640 delegados de todo o estado.

Em Minas Gerais, já estão na vanguarda da campanha a Federação Democrática dos Metalúrgicos e seus sindicatos, o Sind-Rede (professores municipais de Belo Horizonte), o Sindeess (trabalhadores da saúde privada) e o Sintappi (Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Assessoramento, Pesquisas, Perícias e Informações).

JUVENTUDE ENTRA COM TODA FORÇA NA CAMPANHA

No movimento estudantil, a campanha também vem crescendo a cada dia. Principalmente depois que a reunião nacional de organização do Congresso Nacional dos Estudantes, realizada no dia 21 de março em Salvador, aprovou a moção pela reestatização da Embraer. A reunião teve a presença do companheiro Hebert Claros, trabalhador da empresa e vice-presidente eleito do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos.

No dia 1º de abril, o DCE da USP aprovou a moção pela reestatização da Embraer em uma assembleia com mais de 300 estudantes. O mesmo documento foi aprovado no Encontro Paulista dos Estudantes de Letras. O DCE da Universidade Federal do Pará também já votou a moção em uma reunião do conselho de centros acadêmicos.

OAB VAI ESTUDAR CONTROLE ACIONÁRIO DA EMBRAER

Na última sexta-feira, dia 2 de abril, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, por meio de seu presidente, Adilson dos Santos, o Índio, e a Conlutas, através do membro da secretaria executiva nacional Luiz Carlos Prates, o Mancha, estiveram reunidos com o presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Cezar Britto. Ambos pediram à entidade um parecer sobre a atual situação acionária da Embraer.

A empresa tem hoje cerca de 70% de suas ações controladas por capital estrangeiro. O sindicato e a Conlutas apresentaram documentos que comprovam que essa situação desrespeita o próprio estatuto da empresa e o edital de sua privatização, realizada em 1994. A Embraer foi vendida por US$ 110 milhões, metade de seu valor de face, pagos em *"moedas podres"*.

A OAB disse que irá analisar nos próximos dias a situação e emitir um parecer jurídico. A partir desse estudo, será feita uma medida judicial questionando a situação acionária da empresa, o que seria mais um ponto de apoio para a campanha pela reestatização.

"Temos a convicção de que o parecer técnico da OAB não deixará dúvidas sobre a ilegalidade da atual composição acionária da Embraer. E, diante dessa constatação, o governo federal não poderá mais fechar os olhos para esse escândalo nacional. A Embraer é patrimônio do povo brasileiro e está sendo sugada por grupos internacionais. Exigimos de Lula a imediata reestatização da empresa e que sejam os trabalhadores que controlem a sua produção", disse o presidente Índio.

15 DE ABRIL: ATO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO

No próximo dia 15, quarta-feira, às 17 horas, acontece o importante ato político na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) que marcará o lançamento estadual do comitê nacional pela reestatização da Embraer e pela readmissão dos demitidos.

A atividade é promovida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, Conlutas, Intersindical, CTB, Nova Central Sindical, MTST, MUST, Conlute, entre outras importantes entidades dos movimentos sociais brasileiros. Além do PSTU, que está desde o início na campanha, partidos de esquerda como PSOL e PCdoB estarão presentes no evento, prestando seu apoio à campanha.

Veja abaixo o manifesto de convocação para o ato de lançamento do comitê:

"A Embraer, considerada patrimônio nacional e que já foi motivo de orgulho dos brasileiros, está hoje nas mãos de acionistas estrangeiros. Por maiores que sejam os lucros da empresa, boa parte do dinheiro vai para fora do Brasil. Os fundos de investimentos internacionais já controlam mais de 70% das ações da empresa. Suas ações são vendidas livremente na bolsa de valores de Nova York. Aos brasileiros, sobram as demissões.

No dia 19 de fevereiro, a Embraer anunciou a demissão de 4.270 trabalhadores e culpou a crise econômica mundial pela arbitrariedade. Essa justificativa, entretanto, não demorou a ser desmentida. A verdade é que a Embraer continua lucrando muito, mas perdeu parte desse dinheiro em especulações financeiras. Seus diretores se autopremiaram com uma bonificação de R$ 50 milhões. Agora, esses mesmos executivos querem jogar a responsabilidade nas costas dos trabalhadores.

A demissão em massa e os desmandos que vêm sendo cometidos pela direção privada mostram que é preciso colocar em debate o controle estatal da Embraer – uma empresa estratégica para a soberania do país. Desde a sua privatização, em 1994, a Embraer já recebeu mais de US$ 8 bilhões em financiamentos do BNDES. Isso significa que depende do dinheiro público para sobreviver. Só para lembrar: a Embraer foi vendida pelo valor irrisório de R$ 154,1 milhões. Não é exagero dizer que a privatização foi, portanto, um assalto aos cofres públicos.

Se a iniciativa privada é incapaz de manter o patrimônio nacional, deve sair de cena e deixar o controle da empresa para o Estado e seus trabalhadores. Exigimos de Lula que reestatize a empresa e faça um plano de recuperação da Embraer a serviço do Brasil e sob controle dos trabalhadores.

Por tudo isso, vamos lançar no dia 15, na Assembleia Legislativa, o comitê nacional pela reestatização da Embraer. Participe dessa luta!"

UM CONTO DE FADAS EM MUMBAI

GRANDE VENCEDOR da última edição do Oscar, o longa 'Quem quer ser um milionário?' utiliza a miséria e a violência de favelas indianas para contar uma história de otimismo e amor

JOÃO PAULO DA SILVA, de Maceió (AL)

Após deixar a 81ª edição do Oscar com oito estatuetas (inclusive as de melhor filme e melhor diretor), o filme "Quem quer ser um milionário?" ganhou, definitivamente, ares de narrativa espetacular. Produzido com US$ 15 milhões, valor baixo para os padrões de Hollywood, o filme do diretor inglês Danny Boyle ("A praia" e "Cova Rasa") conta a inebriante história de amor de Jamal (Dev Patel) e Latika (Freida Pinto), vivida numa amarga e miserável Mumbai, na Índia.

As primeiras cenas mostram a figura sofrida de Jamal Malik, um jovem de 18 anos que serve chá num centro de telemarketing, cara a cara com seu torturador, um policial inescrupuloso que tenta a todo custo arrancar uma confissão. Horas atrás, o rapaz torturado estava a uma pergunta do inacreditável prêmio de 20 milhões de rúpias (moeda indiana), entregue pelo programa de TV "Quem quer ser um milionário?" para o vencedor do disputado show de perguntas.

Ao responder corretamente a todas as perguntas, Jamal desperta a desconfiança do cínico e preconceituoso apresentador Prem Kumar (Anil Kapoor). O jovem estaria trapaceando? A suspeita de Kumar se baseia no seguinte questionamento: como é possível que um jovem pobre e sem estudos possa responder a perguntas que nem mesmo advogados e intelectuais conseguiram contestar? É a partir desse ponto que Jamal começa a contar a história de sua vida e a razão maior que o levou a participar do programa milionário.

Numa estrutura de volta ao passado, Jamal vai revelando como as respostas para todas aquelas perguntas estavam, de alguma forma, presentes em sua história de vida. Pouco a pouco, o interrogatório vai mostrando o caminho incrível e miserável trilhado pelo garoto. Ele e seu irmão mais velho, Salim, nasceram e foram criados numa abominável favela de Mumbai, onde os barracos se equilibram sobre fezes e montanhas de lixo.

Ainda crianças, tiveram a mãe assassinada num ataque contra mulçumanos e passaram pelas mãos de um explorador do trabalho infantil. Jogados num mundo desgraçado e violento, Jamal e Salim aprenderam a se virar sozinhos, mesmo que para isso fosse necessário roubar comida ou enganar turistas com histórias inventadas sobre o Taj Mahal.

DO REAL À FANTASIA

"Quem quer ser um milionário?" é, de fato, um conto de fadas. Mas não uma história inteiramente convencional. O primeiro mérito do filme é expor uma Índia completamente diferente da que é apresentada, por exemplo, no patético folhetim de Glória Perez, "Caminho das Índias", da Globo. Na novela, o país asiático é mostrado com foco no "incrível" crescimento econômico dos últimos anos, sem mencionar, claro, que este é resultado de uma superexploração da mão-de-obra barata de milhões de trabalhadores.

O filme do diretor Danny Boyle, que chegou a ser comparado ao brasileiro "Cidade de Deus", sob o aspecto da violência e da miséria, revela uma Mumbai de pobreza assustadora, onde mais da metade dos 19 milhões de habitantes vive, literalmente, em cima das próprias fezes. "Quem quer ser um milionário?" não esconde a maneira como a vida se desenrola para a maioria dos indianos.

Tragédias sociais e econômicas de toda a espécie surgem diante do espectador como um soco no estômago, trazendo à tona o contraste de uma Índia que cresce economicamente e, ao mesmo tempo, aprofunda a miséria de seu povo. É brutal perceber e impossível negar o horror da violência exercida pelos exploradores do trabalho infantil no filme.

Tudo isso não impede que a história tenha fortes traços dos contos de fadas. Há um grande apelo em torno ao destino das personagens, no estilo de "estava escrito nas estrelas". Não faltam ao filme, também, intensas cenas de ação para prender o espectador, música dançante e sequências contagiantes. Além, é claro, de uma história de amor com final feliz e muito dinheiro no bolso.

Um dos pontos que mais suscitou críticas ao filme foi, justamente, o tratamento que o diretor deu ao modo como Jamal e Salim encaram sua miséria absoluta. Para alguns críticos, "Quem quer ser um milionário?" parece criar a imagem de que, por pior que seja a situação, os dois garotos não perdem as esperanças e insistem numa alegria de quem acredita que o destino guarda algum tipo de recompensa.

Outros críticos não suportaram a ideia de que Boyle fez um filme que fala de miséria e violência, mas sem as costumeiras lamentações e até bem-humorado. O jeito malandro que os meninos encontraram para sobreviver é capaz de arrancar risadas. A história até pode ser acusada de tentar suavizar o sofrimento, mas não de escondê-lo. A narrativa oscila entre a crueldade da vida indigente e uma alegre aventura pela sobrevivência.

UMA HISTÓRIA IMPROVÁVEL, MAS BONITA

"Quem quer ser um milionário?" é um filme otimista, verdade seja dita. Talvez contagiado pela onda esperançosa de algo que parecia impossível, a eleição de um negro para a Casa Branca. Um otimismo que, mais cedo ou mais tarde, vai acabar.

O perigo do filme é cair no erro de mostrar a história de Jamal como alternativa possível, e não como uma exceção. Há uma cena que, de certa maneira, demonstra isso. Quando Jamal está prestes a responder à última pergunta que lhe dará o prêmio máximo, os milhões de miseráveis e famintos da Índia, com os olhos vidrados na TV, se transformam nele. Todos querem ser o garoto (agora milionário), numa compreensão de que suas vidas só poderiam ser mudadas com um prêmio semelhante.

A participação no jogo de respostas, o "Show do Milhão" indiano, junta-se a outras fantasiosas formas de os oprimidos ascenderem socialmente. Em uma sociedade onde só lhes cabe trabalhar e receber o suficiente para retornar no dia seguinte, são muitos os jovens que sonham com carreiras milionárias através do futebol. O sucesso de Ronaldos, Ronaldinhos e outros jogadores é encarado da mesma maneira, como um caminho possível, viável. Mas, para a imensa maioria, a ilusão se desfaz logo e percebe-se que estes atletas são exceções, assim como Jamal.

"Quem quer ser um milionário?" é uma história improvável, para muitos impossível, mas nem por isso deixa de ser menos bonita.

PARTIDO ANTICAPITALISTA, A NOVA CARA DO REFORMISMO NA FRANÇA

A LCR, um dos mais antigos partidos trotskistas, se dissolve para formar um partido eleitoral na França

***BRUNO SANCHES**, de São Paulo (SP)*

Existe um espaço político aberto como produto da crise econômica nos países europeus, que afeta tanto os partidos tradicionais da direita como os da esquerda. Existe uma decadência importante do Partido Socialista (PS) e do Partido Comunista (PC). Há um descrédito crescente nesses partidos, principalmente entre os jovens e a classe trabalhadora.

Com o objetivo de ocupar esse espaço em termos eleitorais, surgiu na França o Novo Partido Anticapitalista (Nouveau Parti Anticapitaliste, NPA), que realizou seu congresso de fundação de 6 a 8 de fevereiro em La Plaine Saint-Denis, subúrbio ao norte de Paris.

Olivier Besancenot, principal figura pública do NPA

Organizado e preparado por membros da Liga Comunista Revolucionária (LCR), o congresso do NPA aconteceu logo após a dissolução da LCR em 5 de fevereiro. A organização era o mais importante partido do Secretariado Unificado (SU) da Quarta Internacional, uma das correntes internacionais do trotskismo.

A LCR se lançou a construir o Novo Partido motivada por suas perspectivas de crescimento eleitoral, principalmente. Na última eleição presidencial, seu candidato, Olivier Besancenot, obteve cerca de 1,5 milhão de votos, acima do PC e de Arlete Laguiller, candidata do partido Luta Operária. Desde então, Olivier se converteu numa figura mediática nacional. Algumas pesquisas chegam a lhe dar cerca de 20% de intenções de voto para as próximas eleições.

A discussão, portanto, não se limita à tática para aproveitar um espaço político eleitoral, mas trata-se de uma estratégia para o país. A luta de classes na França passa atualmente por um momento extraordinário, marcada por duas greves gerais que colocaram contra a parede o governo direitista de Nicolas Sarkozy.

Mas, ao mesmo tempo, existe uma gigantesca contradição: a ausência de uma direção política revolucionária que sirva como um instrumento dos trabalhadores na superação do capitalismo.

Apesar das expectativas entre os lutadores, o projeto do NPA está bem distante disso.

REFORMA OU REVOLUÇÃO

Em uma entrevista recente, Besancenot explica o que pensa sobre o NPA. *"Desde a queda do Muro de Berlim, dizemos que é necessário um novo partido e um novo programa, porque pensamos que há um ciclo histórico que começou em 1917 com a Revolução Russa e que terminou em 1989. Dizer que esse ciclo histórico terminou não significa que se deva rejeitar em bloco esse período, mas que é necessário observá-lo para tirar ensinamentos do que se deve ou não fazer, e ao mesmo tempo compreender que estamos em um novo período. A Revolução Russa não pode continuar sendo o ponto de referência que foi para todas as organizações revolucionárias durante um século"*.

Olivier completa: *"Não vamos passar nosso tempo a discutir sobre nossa relação com Trotsky e a Revolução Russa. É necessário antes de tudo agir pela revolução. A clivagem reforma-revolução evoluiu. Hoje não há mais revolucionários face a reformistas, mas revolucionários face a gestores do sistema"*.

Assim, reformistas "sinceros" e revolucionários poderiam conviver num mesmo partido. Isso significa acabar com o partido revolucionário, organizando um partido eleitoral reformista. Este é o motivo pelo qual o NPA não possui nem mesmo um projeto de sociedade claramente definido. É o que se afirma nas "Resoluções do Congresso Nacional da LCR": "Demos a nós um partido para inventar o socialismo do século 21". Trata-se agora de unificar a esquerda em torno de uma plataforma de protestos políticos "anticapitalistas", pautada num abstrato *"socialismo do século 21"*.

A fórmula induz a uma suposição: a de que o socialismo do século 20 não é mais atual. Ou, mais precisamente, que as lições e conquistas da Revolução Russa dos bolcheviques não são mais atuais. Teríamos então mudado de época, não estaríamos mais na época de decadência do imperialismo, marcada por guerras e revoluções? Aparentemente sim, teríamos mudado, já que, segundo a LCR, o socialismo do século 20 se reduziria hoje, no século 21, a "ideias contestatórias".

Na verdade, existe uma adaptação ao nível de consciência de um amplo setor da vanguarda, que

já chegou à conclusão de que o capitalismo não serve, mas ainda não tem clara a necessidade da revolução socialista. O "novo partido" não se propõe a resolver isso, mas a unificar em um projeto eleitoral os que criticam o capitalismo. Um de seus dirigentes explicou com clareza: *"é necessário formar uma social-democracia ética"*.

Pode-se com isso alcançar um êxito imediato, mas preparando uma derrota mais adiante. A agudização da luta de classes vai colocar mais e mais problemas estratégicos, que ficarão sem respostas. Um partido político estratégico não é um sindicato em que devem estar unidos todos os trabalhadores. Um partido se unifica ao redor de um programa, e uma organização que queira realmente derrubar o capitalismo e construir o socialismo necessita de um programa revolucionário. Um projeto como o do NPA não se diferencia em qualidade do projeto petista, que deu no que deu.

A adoção de um socialismo reformista, ao estilo do "socialismo do século 21" de Hugo Chávez, parece ser a opção do NPA. Esse "socialismo" respeita a propriedade capitalista e nada tem a ver com os interesses dos trabalhadores, sendo uma expressão tradicional da social-democracia europeia ou do nacionalismo burguês latino- americano.

PSOL TENTA SEGUIR ESSE CAMINHO

A ideia de uma "social-democracia ética" é uma proposta semelhante à do PSOL. Desde seu início, esse partido formulou a estratégia de unificar reformistas e revolucionários em uma mesma organização eleitoral. Não por acaso, o PSOL organizou uma atividade conjunta no Fórum Social Mundial, em Belém, para apresentar Besancenot, e busca se colar no êxito eleitoral do NPA. É a mesma ideia do partido em defesa de um socialismo difuso como o do PT antes do governo Lula. Porém "ético", sem o peso da corrupção.

Até o momento, o PSOL não conseguiu o peso eleitoral que o NPA anuncia. Mas avança nesse sentido, com passos impensáveis alguns anos atrás. Sua última iniciativa foi a realização de um ato nacional no Rio de Janeiro, no dia 2 de abril, na prática dividindo os esforços de boa parte da esquerda, que estavam voltados para garantir a mobilização unificada de 30 de março.

As lutas se encontram no Congresso Nacional dos Estudantes

ELEIÇÃO DOS REPRESENTANTES começa em clima de lutas e debates pelo país

CAMILA LISBOA e BRUNO MACHION,
da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

No dia 23 de março, começou a eleição de delegados ao Congresso Nacional dos Estudantes. Por todo o Brasil, serão centenas de assembleias e eleições envolvendo milhares de estudantes na escolha dos representantes. Para que o processo seja democrático e pela base, foi decidido que as eleições irão ocorrer por curso, com um critério bastante amplo. Cada curso com até 300 alunos poderá enviar até cinco representantes. O curso que tiver mais alunos matriculados poderá eleger mais um representante para cada 100 estudantes a mais.

CONGRESSO NO RIO DE JANEIRO

A cidade do congresso já foi definida. Será no Rio de Janeiro, de 11 a 14 de junho. O local mais provável é a UERJ. Ao lado do estádio do Maracanã, a universidade possui um movimento estudantil combativo, historicamente à frente das lutas nacionais.

Para organizar um congresso nacional livre dos governos, é preciso independência também em sua preparação. Para isso, em todo o país, além de eleger os representantes, os estudantes estão levando a campanha "Doe 1 real ao congresso nacional" e outras iniciativas para levantar grana. Como percorrer as salas de aula e pedir a contribuição de todos. É assim que o novo movimento estudantil vai garantindo o congresso.

ELEGER MILHARES DE DELEGADOS NA BASE

A eleição de delegados se inicia em um momento em que importantes lutas acontecem. De norte a sul, o movimento estudantil começa a protagonizar importantes ações contra a crise econômica e seus efeitos sobre a juventude e a educação. A eleição dos representantes se dá no calor destas lutas.

O momento da eleição de delegados será fundamental para discutir nas salas de aula medidas da juventude contra a crise. Um programa que exija nenhum centavo a menos para a educação, que denuncie os cortes de verba e o Reuni, que exija a redução das mensalidades e a estatização das universidades privadas em crise e denuncie o financiamento público dos tubarões de ensino. Um programa que exija o veto à restrição da meia-entrada e defenda o acesso à cultura e ao lazer para a juventude.

Mas a elaboração e a agitação das bandeiras é apenas um primeiro passo. O congresso terá a tarefa de definir um plano de lutas que possa envolver milhares de estudantes. Para seguir avançando nas mobilizações, será necessário que o congresso aprove a criação de um novo instrumento nacional de luta para o movimento estudantil, livre dos governos, que possa cumprir o papel de organizar nossas lutas e reivindicações.

PELO PAÍS

As lutas e a eleição de delegados nos estados

PARÁ
Já são mais de 1.500 assinaturas no abaixo-assinado em defesa da meia-entrada. Na UFPA os estudantes estão lutando em defesa da nomeação do reitor eleito pela comunidade. Na UEPA há uma forte luta em curso pela assistência estudantil. Em maio, os estudantes paraenses realizam a sua plenária estadual, preparando a viagem até o Rio de Janeiro.

CEARÁ
Em Fortaleza o movimento estudantil ocupou as ruas no dia 30 contra o aumento da passagem e a restrição da meia-entrada. No dia 14 de março ocorreu o seminário estadual de construção do congresso.

BAHIA
Na Bahia várias universidades estaduais e campi da UNEB estão vivendo ocupações de prédio, diretorias e reitorias. No dia 21 de março, Salvador sediou a plenária nacional de construção do Congresso Nacional dos Estudantes. Além dos demais estados, a plenária contou com estudantes de diversas universidades da Bahia, como a UFBA, UNEB, UEFS e UESB.

MINAS GERAIS
Em Minas Gerais, no dia 1º de abril, a juventude ocupou as ruas de Ouro Preto junto com os trabalhadores pela estatização da Novellis, empresa transnacional que está há anos na cidade e que está fechando as portas. No mesmo dia ocorreu em Ouro Preto uma plenária estadual que debateu a construção do Congresso Nacional dos Estudantes, com a presença de estudantes da UFMG, UFSJ, UFOP etc.
Em Juiz de Fora, o pessoal está envolvido nas eleições do DCE, que ocorrem em 15 e 16 de abril. A chapa "Não vou me adaptar" reúne novos ativistas e estudantes que estão na gestão atual. O DCE rompeu com a UNE e uma das propostas da chapa é levar a discussão sobre o Congresso Nacional de Estudantes.

BRASÍLIA
No dia 02 de Abril, cerca de 200 estudantes realizaram ato comemorando um ano de ocupação da reitoria da UnB. Os estudantes marcharam até a reitoria e apresentaram suas reivindicações. Entre elas, parte do acordo da desocupação que ainda não foi cumprido pela nova reitoria. Na segunda semana de Maio irão ocorrer as eleições do DCE. Os lutadores que estão construindo o Congresso formaram uma chapa de unidade com outros setores de esquerda para manter o DCE na luta.

RIO GRANDE DO SUL
Em Porto Alegre, milhares de estudantes e trabalhadores ocuparam as ruas no dia 30 pelo fora Yeda e contra a crise. Agora começa a se articular uma reunião estadual de construção do Congresso.

SÃO PAULO
Em São Paulo, os estudantes preparam um Encontro Estadual que irá unir as lutas das estaduais paulistas contra o corte de verbas e o ensino a distância com a luta das universidades pagas pela redução das mensalidades e fim da perseguição aos inadimplentes. O encontro irá debater também os rumos do movimento estudantil.

RIO DE JANEIRO
No dia 28 de março, mais de 300 estudantes ocuparam um cinema em defesa da meia-entrada e já há mais de 5 mil assinaturas recolhidas em defesa deste direito. No dia 30, foram mais de 1.500 estudantes ocupando as ruas com os trabalhadores e afirmando que não irão pagar pela crise. Nos dias 19 de março e 02 de abril ocorreram duas plenárias estaduais do congresso dos estudantes, reunindo dezenas de ativistas.
Agora os ativistas que constroem o congresso estão envolvidos com as eleições do DCE UFRJ que ocorrem nos dias 5, 6 e 7 de maio. A atual gestão "De que lado você samba?", comprometida com a construção do Congresso Nacional dos Estudantes, formou uma chapa incorporando novos lutadores para manter o DCE na luta.